

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E
ABRINDO CAMINHOS

JORGE JOSÉ MARTINS RODRIGUES
MARIA AMÉLIA MARQUES

(Organizadores)

VOL V



EDITORA
ARTEMIS

2022

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E
ABRINDO CAMINHOS

JORGE JOSÉ MARTINS RODRIGUES
MARIA AMÉLIA MARQUES

(Organizadores)

VOL V



EDITORA
ARTEMIS

2022



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisângela Abreu
Organizadoras	Prof. Dr. Jorge José Martins Rodrigues Prof. ^a Dr. ^a Maria Amélia Marques
Imagem da Capa	ciempies
Bibliotecária	Janaina Ramos – CRB-8/9166

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil



Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College*, Estados Unidos
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. José Cortez Godínez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo*, México
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Lívia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, Universidad Nacional Autónoma de México, México
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências socialmente aplicáveis: integrando saberes e abrindo caminhos V / Organizadores Jorge José Martins Rodrigues, Maria Amélia Marques. – Curitiba-PR: Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-63-7

DOI 10.37572/EdArt_250822637

1. Ciências sociais. 2. Pesquisa. I. Rodrigues, Jorge José Martins (Organizador). II. Marques, Maria Amélia (Organizadora). III. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166



APRESENTAÇÃO

O livro que ora se encontra nas vossas mãos, no seu quinto volume, é por tradição um livro de temática interdisciplinar e transdisciplinar no campo das ciências sociais aplicadas. É interdisciplinar porque cruza várias disciplinas do saber, ficando a sua transdisciplinaridade a dever-se aos múltiplos campos do conhecimento abrangidos por estes dezassete trabalhos, qual mosaico árabe.

A metodologia seguida na organização do volume privilegiou os conteúdos dos artigos, procurando-se seguir uma lógica em que cada artigo possa contribuir para uma melhor compreensão do artigo seguinte, originando conhecimento. Este método originou quatro eixos de investigação, a saber: Informação: a energia que move os sistemas, Investigar ou a liberdade de desestabilizar o *status quo*, Investigar no feminino, Informação: um instrumento transversal.

O eixo 1 – Informação: a energia que move os sistemas, enquanto conhecimento é a energia que move os sistemas, está presente nos primeiros sete artigos. O eixo 2 – Investigar ou a liberdade de desestabilizar o *status quo*, glosa a liberdade intelectual para gerar conhecimento, sendo fulcral em qualquer sociedade, é o assunto ocupado pelos quatro artigos seguintes. O eixo 3 – Investigar no feminino, realça o equilíbrio entre corpo e mente, a híper sexualidade da mulher negra e a caracterização socioeconómica de uma cooperativa de mulheres, é ocupado pelos três artigos seguintes. O eixo 4 - Informação: um instrumento transversal, foca-se na evidência empírica de os dados, devidamente trabalhados, geram informações valiosas, seja para a otimização da informação em *call centers*, da segurança rodoviária ou do enquadramento legal da atividade de acompanhamento arqueológico.

Com a disponibilização deste quinto livro esperamos gerar inquietude intelectual e curiosidade científica no leitor, incrementando a satisfação de novas necessidades e descobertas, motor de toda a inovação.

Jorge Rodrigues, ISCAL/IPL, Portugal
Maria Amélia Marques, ESCE/IPS, Portugal

SUMÁRIO

INFORMAÇÃO: A ENERGIA QUE MOVE OS SISTEMAS

CAPÍTULO 1..... 1

COMPARACIÓN DEL VALOR DE PERTINENCIA DE LAS NORMAS CONTABLES EN ESTADOS UNIDOS VERSUS LAS NORMAS INTERNACIONALES DE INFORMACIÓN FINANCIERA: EL CASO DE LAS AMERICAN DEPOSITARY RECEIPTS

Aida R. Lozada Rivera

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226371

CAPÍTULO 2..... 19

FERRAMENTA DE APOIO AOS COMANDANTES DAS OPERAÇÕES DE SOCORRO EM INTERVENÇÕES ESTRUTURAIS DAS EQUIPAS DE BOMBEIROS

Pedro Miguel Sousa Barahona

Ana Filomena de Figueiredo Dias

Carla Maria Lopes da Silva Afonso dos Santos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226372

CAPÍTULO 3..... 35

PERSPETIVA SOBRE O USO DA BIBLIOTECA DIGITAL B-ON PELOS DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR – O CASO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO

Maria Eduarda Pereira Rodrigues

Antonio Pulgarín Guerrero

Margarita Pérez Pulido

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226373


CAPÍTULO 4..... 48

REDE ACADÉMICA WEIWER® E COREOGRAFIAS DIDATICAS: QUE RELAÇÃO?

Teresa Margarida Loureiro Cardoso

Luciano Gamez

Maria Filomena Pestana Martins Silva Coelho

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226374

CAPÍTULO 5..... 61

CONTRIBUIÇÃO DA RETÓRICA PARA A REDAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS DE ALTO IMPACTO: ANÁLISE DO ARTIGO “AS CAPACIDADES DE ORGANIZAÇÕES VOLTADAS AO MERCADO”

Rodrigo Guimarães Motta

Neusa Maria Bastos Fernandes dos Santos

Maria Cristina Sanches Amorim

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226375

CAPÍTULO 6..... 81

ÉTICA PROFESIONAL EN LA FORMACIÓN DEL CONTADOR PÚBLICO

Teresita de Jesús Sabido-Domínguez

Valentín Alonso-Novelo

Gustavo Alberto Barredo-Baqueiro

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226376

CAPÍTULO 7.....92

INNOVACIÓN UNIVERSITARIA, UN ANÁLISIS TEÓRICO INTEGRAL DESDE SUS FUNCIONES MISIONALES

Jennifer Lafont Mendoza

Amelia Espitia Arrieta

Dairo Pérez Sotelo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226377

INVESTIGAR OU A LIBERDADE DE DESESTABILIZAR O STATUS QUO

CAPÍTULO 8..... 110

A FRAGILIDADE DA LIBERDADE DE IMPRENSA EM MOÇAMBIQUE, HOJE: UMA REFERÊNCIA AO *ETHOS* DO PRESIDENTE FILIPE NYUSI NO DISCURSO DO DIA DO JORNALISTA MOÇAMBICANO E AS MARCAS DO AUTORITARISMO

Dayse Alfaia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226378

CAPÍTULO 9..... 125

REFLEXIONES SOBRE LA TRANSFORMACION EN LAS PyMES Y LA GENERACION MILENIO EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Jorge Ramón Salazar-Cantón

Valentín Alonso-Novelo

Luis Martín Barrera-Ramírez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226379

CAPÍTULO 10.....133

MEMÓRIA DE AFETOS: CULTURA E REVOLUÇÃO NO RECIFE DOS ANOS DE CHUMBO

José Antonio Spinelli Lindoso

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082263710

CAPÍTULO 11.....153

TRAÇAR UMA REDEFINIÇÃO DO CONCEITO DE ECONOMIA: UMA APROXIMAÇÃO

Rússel Freddy Ramos Serrano

Raúl Eleazar Arias Sánchez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082263711

INVESTIGAR NO FEMININO

CAPÍTULO 12161

CONTROLOGIA: DESENVOLVIMENTO HARMONIOSO DO CORPO E DA MENTE

Thais Medeiros da Costa Dias

Fabiana Vieira de Medeiros

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082263712

CAPÍTULO 13.....165

O ESPETÁCULO DO CORPO DA MULHER NEGRA E AS MARCAS HISTÓRICAS DA HIPERSEXUALIZAÇÃO E DA OBJETIFICAÇÃO: UM OLHAR PARA O CASO DE SARA BAARTMAN (XIX) E PARA O CASO DA CANTORA DE *FUNK* BRASILEIRA, JOJO MARONTTINI (XXI)

Dayse Alfaia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082263713

CAPÍTULO 14.....184

CARACTERIZACIÓN SOCIOECONÓMICA DE INTEGRANTES DE LA ASOCIACIÓN DE MUJERES (APRIMUJER) PARA ESTIMAR POTENCIALIDADES EN EL TERRITORIO DEL ÁREA RURAL DE SAN VICENTE DE CHUCURÍ, SANTANDER, COLOMBIA

Miguel Arturo Lozada Valero

Ángela María Andrade Ulloa

Mónica María Pacheco Valderrama

Héctor Julio Paz Díaz

Rafael Calderón Silva

Leidy Andrea Carreño Castaño
Cristian Giovanni Palencia Blanco
Irina Alean Carreño
Shirley Lizeth Mancera
Daniel Augusto Buitrago Ibañez
Ana Milena Salazar Beleño
Dally Esperanza Gáfaró Álvarez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082263714

INFORMAÇÃO: UM INSTRUMENTO TRANSVERSAL

CAPÍTULO 15 **202**

STATISTICAL ANALYSIS OF CONVERGENCE FOR NON-LINEAR OPTIMIZATION
ALGORITHMS IN CALL CENTERS PROBLEMS

Ángel Rubén Barberis
Lorena Elizabeth del Moral Sachetti

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082263715

CAPÍTULO 16 **215**

LOS DECENIOS DE ACCIÓN PARA LA SEGURIDAD VIAL: RECAPITULACIÓN
GENERAL Y REFLEJO EN COSTA RICA

Carlos Contreras-Montoya

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082263716

CAPÍTULO 17 **228**

ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO E MÉTODO. CONTRIBUTO PARA O SEU
ENQUADRAMENTO LEGAL

Iva João da Silva Teles Morais Botelho

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082263717

SOBRE OS ORGANIZADORES **248**

ÍNDICE REMISSIVO **249**

CAPÍTULO 13

O ESPETÁCULO DO CORPO DA MULHER NEGRA E AS MARCAS HISTÓRICAS DA HIPERSEXUALIZAÇÃO E DA OBJETIFICAÇÃO: UM OLHAR PARA O CASO DE SARA BAARTMAN (XIX) E PARA O CASO DA CANTORA DE *FUNK* BRASILEIRA, JOJO MARONTTINNI (XXI)

Data de submissão: 12/07/2022

Data de aceite: 29/07/2022

Dayse Alfaia

Doutoranda em Ciências da Comunicação
(*Media* e Sociedade no Contexto dos Países de Língua Portuguesa)¹
Universidade Autónoma de Lisboa - UAL
Mestre em Ciências da Linguagem pela FSCH - Universidade Nova de Lisboa
Licenciada em Letras Português pela Universidade Estadual de Montes Claros UNIMONTES - Brasil

RESUMO: Este trabalho configurado, no âmbito de uma análise qualitativa com um método bibliográfico e exploratório, perpassa algumas reflexões/discussões sobre o corpo de duas mulheres negras², com o objetivo de repensar os marcadores históricos escravagistas da feminilidade negra. A abordagem consiste em discussões sobre o colonialismo (Césaire, 1978; Fanon, 2017), em virtude da exploração do corpo da mulher negra (hooks, 2018, 2019; Fanon, 2018; Kilomba, 2019; Adichie, 2015), que, invariavelmente, inspira alguns mitos por força de estudos que trouxeram evidências de

¹ Docente: Profª Doutora Maria do Carmo Piçarra. Disciplina: Representações Sociais no Contexto Colonial e Neocolonial (RSCCNC)

² As comparações e considerações expressas neste trabalho são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es) e foram frutos de um cuidadoso rigor de pesquisa acadêmica.

racismo científico. Para este efeito, trouxemos para análise excertos de uma música da cantora de *funk* brasileira, Jojo Marottinni, cuja construção discursiva é “revestida de ideologia” (Orlandi, 2009; Djik, 2012) e ajuda-nos a compreender os estereótipos de hipersexualização e objetificação para o corpo da mulher negra, no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo da mulher negra. Colonialismo. Hipersexualização e objetificação.

THE SPECTACLE OF THE BLACK WOMAN'S BODY AND THE HISTORICAL MARKS OF HYPERSEXUALIZATION AND OBJECTIFICATION: A LOOK AT THE CASE OF SARA BAARTMAN (XIX) AND THE CASE OF BRAZILIAN *FUNK* SINGER, JOJO MARONTTINNI (XXI)

ABSTRACT: This work configured, within the scope of a qualitative analysis with a bibliographic and exploratory method, permeates some reflections/discussions about the body of two black women, with the objective of rethinking the slave historical markers of black femininity. The approach consists of discussions about colonialism (Césaire, 1978; Fanon, 2017), due to the exploitation of the black woman's body (hooks, 2018, 2019; Fanon, 2018; Kilomba, 2019; Adichie, 2015), which invariably, inspires some myths by virtue of studies that brought evidence of scientific racism. For this purpose,

we brought for analysis excerpts from a Brazilian funk singer, Jojo Marottinni, whose discursive construction is “coated with ideology” (Orlandi, 2009; Djik, 2012) and helps us understand the stereotypes of hypersexualization and objectification for the black woman’s body.

KEYWORDS: Black woman’s body. Colonialism. Hypersexualization and objectification.

1 INTRODUÇÃO

É preciso dar corpo à história e dar uma história ao corpo (...)

Le Goff (2006)

Para além de uma definição revestida de arcaboiço biológico, o corpo é uma estrutura ontológica composta por valores históricos e socialmente constituídos. Sendo assim, para este ensaio, importa entendermos a dinâmica e a forma como o corpo da mulher negra serviu de espetáculo e exploração, no domínio de um projeto colonialista e também científico da supremacia branca. No âmbito das relações de poder, emergiram paradigmas sociais, que culminaram em importantes marcadores históricos: hipersexualização e objetificação do corpo da mulher negra, quer para colmatar os tabus e opressões da pessoa branca assente numa legítima construção “como «civilizado» e «digno», quer para designar as/os «outras/os» raciais «descivilizadas/os» (Kilomba, 2019).

Em virtude de uma recensão crítica sobre um capítulo da obra *Olhares negros: raça e representação*³ emergiu a ideia de abordarmos discussões sobre a mulher negra e corpo (hooks, 2018, 2019; Fanon, 2018; Kilomba, 2019; Adichie, 2015) e sobre a forma como essas duas categorias estão, inextricavelmente, ligadas e pautadas em antigos interesses econômicos e políticos. Poderíamos designá-los como um modelo soberano de poder, por sua vez, regulado “por um mecanismo dissimulado de atração e repulsão sexual pelo outro” (Young, 2005). Evocam-se, assim, questões sobre o colonialismo (Césaire, 1978; Fanon, 2017) sobre o qual, neste estudo, dar-se-á enfoque à colonizada, a outra – “inferior” – cujo corpo traz marcas históricas de opressão como “alvo do desejo colonial” (Young, (2005).

Portanto, nessa perspectiva de análise tentar-se-á trazer algumas discussões sobre o corpo de duas mulheres negras de épocas distas, mas que, de certa forma, coexistem, historicamente. Num primeiro momento, o objetivo é aferir de forma realista, as duras condições da jovem sul-africana, Sara Baartman (XIX), cognominada de Vênus Hotentote, por sua vez, levada para a Europa como espetáculo circense, de modo que o seu corpo era explorado como atração exótica e para estudos que trouxeram evidências

³ A obra em questão é de autoria da escritora norte-americana, bell hooks, cuja tradução foi realizada pela investigadora da USP, Rosane Borges e publicado pela Editora Elefante, no Brasil, em 2019;

de racismo científico (Chase-Riboud, 2005), através de abordagens teóricas do médico Georges Cuvier. Assim emergiu a noção de “raça” (Schwarcz, 2005), traçando alguns mitos e estereótipos para mulheres negras, por sua vez, subjugadas pela hipersexualização e inferiorização. Dito isso, será relevante refletirmos “como discursos sobre sexualidade que classificaram os sujeitos coloniais” traçaram um domínio “tanto de corpos como de mentes” (Stoler, no prelo) e, assim será apresentada uma breve referência sobre a *História da sexualidade* - I em Foucault (1994), de modo a compreendermos discursos sobre o corpo.

Tendo em vista todas essas discussões conceptuais supramencionadas, perscrutar-se-á, num segundo momento, o caso de uma cantora de *funk* brasileira, a Jojo Maronttinni, reconhecida na mídia por sua grande autoestima, e importa para este ensaio uma análise descritiva de excertos da letra de uma de suas músicas⁴, apresentada em *videoclip*, no canal *Funk Hits* da plataforma do *YouTube*, por sua vez carregada de mensagens para a autoaceitação do corpo feminino. O objetivo é medir a construção de um discurso “revestido de ideologia” (Orlandi, 2009; Dijk, 2012) e entendermos como uma dada representação sexualizada da artista pode traduzir míticas interpretações sobre as “imagens da sexualidade da mulher negra que eram parte do aparato cultural racista do séc. XIX e que ainda moldam as percepções hoje” (hooks, 2019). Trazer, portanto, o caso da jovem Jojo Maronttinni como pessoa pública e influenciadora de massa, ajuda-nos a compreender alguns estereótipos de hipersexualização e objetificação da mulher negra, direcionando-nos a um discurso machista e de desvalorização, no viés da representação cultural, tendo em vista a condição de outras mulheres negras.

No âmbito de uma análise qualitativa com um método bibliográfico e exploratório, abordar-se-ão, portanto, algumas discussões/reflexões sobre a história de duas mulheres negras, dando enfoque ao caso da cantora de *funk* brasileira, um fenômeno de representação cultural do séc. XXI. O objetivo é repensar os marcadores escravagistas da feminilidade negra, em virtude de alguns mitos de inferiorização, numa análise discursiva de uma música da cantora, e face ao exposto, pergunta-se: o discurso de hipersexualização da influenciadora de massa e cantora de *funk*, Jojo Maronttinni, acresce um importante poder de autoaceitação ou reforça ainda mais a marca de objetificação no corpo de outras mulheres negras, no Brasil?

⁴ A escolha de uma música partiu da ideia de que a linguagem é um instrumento por meio do qual o homem modela “sentimentos (...) atos”, bem como pode influenciar e ser influenciado” (Hjemslev, 1975). Importa entendermos que todas as músicas da cantora, no canal *Funk Hits*, já escrutinadas, trazem sempre o mesmo discurso de cunho sexual, pela representação do seu corpo, e por este motivo, entendemos que analisar um só *corpus* traduz a mesma concepção discursiva para o que pretendemos mostrar neste estudo.

2 O ESPETÁCULO DO CORPO DE SARA BAARTMAN E SUA HISTÓRIA

A palavra espetáculo tem origem no latim *spectaculum*, *i* (*vista, aspecto, chamar a atenção pública, jogos públicos, espetáculo*), der. de *spectare* (*olhar, observar atentamente, contemplar*)⁵ e sob esta perspectiva de análise etimológica, entendemos ser uma espécie de pano de fundo no qual iremos⁶ nos debruçar à história servil e desumana como o corpo da jovem Sara Baartman, alcunhada de Vênus Hotentote⁷, foi explorado em espaço público, durante cinco anos, na Europa com seu aspecto “exótico”. Importa saber, desde já, que “ser visto é captar-se como objeto desconhecido de apreensão incognoscível, uma apreciação de valor, um ser sem defesa para uma liberdade” e não há tempo definido para autenticarmos que essa premissa nos atribui, em quaisquer épocas, a condição de «escravos» (Sartre, 2021, p. 346), com origem no colonialismo, no imperialismo europeu e nas condições escravocratas com importantes consequências para o nosso século.

Portanto, vale considerar que através de sua história, trazida pelo viés da memória, configuram-se as relações de poder que, de outro modo, serão reavivadas no caso Jojo Maronttinni, no segundo momento do trabalho, pois “a memória é social”, ela “não é apenas a lembrança objetiva de acontecimentos”, constitui, sim, “uma âncora vital para os processos identitários” pelas “marcas nos corpos” (...) nos livros de história, nos museus, nos filmes, e noutros conteúdos mediáticos (...) nas redes sociais, nas fotografias, etc. (Cabecinhas, 2018; Vicente, 2014; Piçarra, 2015). Dito isto, veremos a seguir os aspectos que permeiam a trajetória de vida de Sara Baartman.

Saartjie, como era também chamada, nasceu em 1789 na atual província sul-africana de Cabo Oriental, na qual era nativa e criadora de gado, na tribo *khoikhoi*, conhecida por “Povo dos Povos”⁸ e, não obstante o seu nome de batismo é desconhecido, de maneira que esse lhe foi dado por seus patrões. Em 1810, aos 21 anos, foi vendida pelo seu dono holandês a um cirurgião inglês chamado Dunlop, que a levou para Londres com a falsa promessa de ganhar dinheiro para obter sua alforria. Na realidade, foi a jovem levada, a fim de ser exibida como atração exótica no *Picadilly Street*, espaço

⁵ (Cf. Houaiss, 2011, p. 1010);

⁶ Opto por usar a primeira pessoa do plural “nós” com o escopo de trazer, consideravelmente, para essas discussões outros trabalhos que foram ou vem sendo elaborados por investigadores de distintas disciplinas, mas tentarei encaixar-me nesse bojo investigativo, na tentativa de um contributo académico;

⁷ O termo Vênus Hotentote surgiu como uma alcunha de atribuição irônica para Sara Baartman criando um estereótipo. Por um lado, o léxico “Vênus” está relacionado à beleza, a deusa do amor, numa referência a *Afrodite Kallipygos* ou *Vênus Calipígia*, a das belas nádegas, por outro lado, faz menção às características comuns da tribo *Khoikhoi* cuja estatura é baixa, 1, 37m, e apresenta nádegas protuberantes (sobretudo as mulheres). O termo “Hotentote”, utilizado pelos colonizadores holandeses da África do Sul, significa “gago” fazendo menção aos sons onomatopéicos emitidos pela fala (cf. Chase-Riboud, 2005);

⁸ Em 1619 foram descobertos pelos portugueses que, para além da civilização levaram-lhes a sífilis, a varíola e a escravatura (cf. Chase-Riboud, 2005, p. 9);

no qual seus shows atraíam um significativo número de pessoas, sobretudo homens que lucravam com as formas físicas exorbitantes da jovem, nomeadamente nádegas protuberantes (esteatopigia), coxas grandes, características monofiléticas de mulheres da tribo *Khoikhoi*. Ao fim do evento as pessoas poderiam apalpar suas nádegas que, eventualmente, eram submetidas a toques com alfinetes ou agulhas⁹, uma espécie de objeto grotesco, animalesco, traduzindo a violência contra a integridade da pessoa, em virtude da pretensa raça superior – a branca.

Sobre o espetáculo do corpo da jovem Sartjie, “não era para olharem para ela como um ser humano completo”, mas sim “para repararem apenas em determinadas partes”, de maneira que o seu corpo era um instrumento objetificado de modo “similiar às escravas que ficavam de pé nos tablados de leilão” a fim de que “donos e participantes” descrevessem “suas partes importantes” aquelas que poderiam ser “vendáveis” (hooks, 2019, p. 131). A jovem sul-africana foi construindo sua identidade em torno de um modelo patriarcal, um “modelo soberano de poder, pautado por um mecanismo dissimulado de atração e repulsão sexual pelo outro” (Young, 2005), numa espécie de paradoxo de sentimentos pelo corpo da outra/o.

Na perspectiva de análise psicanalítica de Frantz Fanon “o branco obedece a um complexo de autoridade, a um complexo de chefe”, o que poderemos designar um poder, enquanto o outro/a outra “obedece um complexo de dependência” (2017, p. 94). Se pensarmos no poder como uma relação entre os indivíduos e as instituições como descortinou, teoricamente, Michel Foucault, então ratificamos que o poder patriarcal e capitalista da época designou um discurso sociopolítico, através da análise do corpo feminino negro, o corpo espécie (Foucault, 1994, p. 141), pois de certa forma, “o corpo humano entra num maquinismo de poder que o explora” e nasce, portanto, uma mecânica de poder – o biopoder – “que define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros”, não simplesmente para que façam o que se deseja, mas para que funcione como se quer” (Foucault, 1987, p. 160). Diante disso, far-se-á uma breve abordagem como surgiu a noção de raça, pelo viés maniqueísta de uma pseudociência, inaugurada a partir dos estudos racistas do cientista Georges Cuvier sobre a jovem sul-africana Sartjie Baartman, permeando “as diferenças físicas com pareceres culturais sobre a superioridade da raça branca” (Young, 2005, p. 149).

Tentaremos entender mais essa questão ainda a seguir, quando descrevermos o desfecho do “espetáculo do corpo” da jovem Sartjie, quando passou a ser exibida em Paris e, então, compreender-se-á como a teoria científica de raça foi construída a partir de seu corpo negro, “aquilo que em princípio não deve circular, mas também aquilo que não

⁹ Cf. em anexo uma caricatura do artista William Heath de 1810;

pode deixar de circular, sob pena de privar o discurso civilizador da oposição que o funda: em sua feiura, desproporção, desordem” (Ferreira & Hamlin, 2010, p. 815). Na verdade, esse discurso perpetuou, de diferentes formas, em diferentes épocas como discurso dissimulado “presente ainda hoje no gesto e voz dos grandes conglomerados económicos e políticos” (Young, 2005) o que define uma unificação ideológica – homogeneizante – num processo que culmina para a globalização, mas que traduz as diferenças culturais e de raça¹⁰.

Quatro anos depois de ter sido levada da África do Sul para a Europa, Baartman, em 1814, foi comprada por um treinador de macacos e de ursos e enviada de Londres para Paris, e num contexto marcado como centro da modernidade e dos estudos científicos, foi vendida ao naturalista e zoologista, Georges Cuvier, que usava o método da anatomia comparada para estabelecer relações entre fósseis e animais vivos. Juntamente com outros cientistas, despertaram-se curiosidades para um escrutínio de análise científica sobre o corpo de Baartman, e conforme sublinha a investigadora da UNICAMP, no Brasil, Janaina Damasceno (2008), a Vênus Hotentote foi um marco para as teorias racistas ou racismo científico. Após ser examinada durante alguns dias, foi obrigada a se prostituir, pelo que “sucumbiu de pleurisia agravada pelo álcool e pela tuberculose, vindo a falecer aos vinte e sete anos de idade, em 1816 (Chase-Riboud, 2005, p. 405).

Destarte, a identidade de Sara Baartman fora constituída a partir do olhar do outro e, “privada de sua própria voz e da perspectiva cultural do seu povo (...) fazendo dela uma espécie de signifiante vazio” (Ferreira & Hamlin, 2010, p. 813), garantindo a construção civilizatória do homem branco. Mas por que razão o corpo de Baartman, na Europa, trazia especial e particular interesses para um escrutínio de análise científica?

Um dia após sua morte, um cientista chamado Saint-Hilaire escreve ao prefeito de Paris, a fim de conseguir autorização, junto com outros investigadores, para dissecar seu corpo em laboratório, sendo que algumas partes foram conservadas para exposição no Museu de História Natural de Paris até a década de 1980. A Vênus Hotentote tornou-se símbolo icónico na luta pelos direitos humanos e num pedido de repatriação dos seus restos mortais pelo ativista político sul-africano, Nelson Mandela, somente em 2002 foram levados para sua terra de origem e ali sepultados, na “cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a aldeia negra (...) habitado por homens de má fama” (Fanon, 2015, p. 43). Num escopo de reflexão, entendamos que o seu corpo retorna à sua terra natal cujo projeto de civilização, conforme afirma Aimé Césaire, não resultou em “um só

¹⁰ Neste estudo, determinou-se a importância, apenas de se referenciar sobre “a construção cultural da raça”, não obstante não serão trazidas as teorias que abarcam “raça e cultura”, com abordagens sobre hibridismo, civilização, etc., que, embora muito importantes, poderão ser trazidos para discussão em outro trabalho que, em outro momento, possamos desenvolver.

valor humano”, de modo que da colonização à civilização define-se uma enorme distância, ainda diz o autor (1978: 15-16).

Através dos estudos científicos sobre a jovem Sartjie, constroem-se diferentes estereótipos e imagens do “outro”, sobretudo aqueles relativos às pessoas negras e, no que diz respeito ao corpo da mulher negra, interessa-nos refletir, para este estudo, sobre a questão da hipersexualidade, o que a classifica com “apetite sexual violento”, incivilizado” (Kilomba, 2019, p. 81). O conhecimento científico tornou-se, conseqüentemente, a razão da modernidade, de maneira que até o início do séc. XIX “falavam-se de povos e nações” e a partir daí é introduzida a noção de “raça” pelo médico cientista Georges Cuvier com o caso da Vênus Hotentote (Schwarcz, 2005), como já referido por outra autora.

Deste modo, as virtudes, as performances ou a maneira de ser da mulher negra foram percebidas, num viés de racismo e sexismo, no seio do imperialismo europeu, e “ganharam o estatuto de verdade e servem de base, por exemplo, para que mulheres negras sejam vistas como exóticas (...) reduzidas a um objeto ou a um utensílio” (Damasceno, 2008, p. 5). Dito isto, a seguir serão abordadas algumas questões que envolvem, atualmente, a cantora de *funk* brasileira, Jojo Maronttinni, e que vem inspirando muitas polémicas em torno da exposição do corpo tão «diferente» dos padrões – um corpo “exótico”. Nesse arcaboço das diferenças: entre ser branca/o ou ser negra/o, pergunta-se: “quem é diferente de quem?”, porque, afinal, a pessoa branca passa a ser o paradigma de referência “em relação ao qual todos os «Outros» raciais se diferem” (Kilomba, 2019, p. 77). Ou ainda faz-nos refletir, tal como será visto a seguir, sobre a forma como a pretensa raça superior tem reavivado um discurso que carrega marcas históricas importantes, na vida da mulher negra que, amiúde, permanece sozinha em suas dores atreladas a diferentes preconceitos.

3 O ESPETÁCULO DO CORPO DA CANTORA DE *FUNK* JOJO MARONTTINNI (XXI)

A ideia da escolha desse *corpus* analítico, a fim de ser comparado ao caso Sara Baartman, surgiu de uma recensão crítica apresentada a uma disciplina¹¹ académica e que em virtude de pertinentes discussões sobre a representação do corpo de diferentes mulheres negras do universo cultural, também de países lusófonos, chamou-nos a atenção o caso da cantora de *funk* brasileira que, curiosamente, apresenta algumas características similares as da jovem sul-africana, a Vênus Hotentote: ambas têm o corpo com aspectos físicos similares, são de origem humilde e, para além disso, carregam

¹¹ O trabalho foi apresentado à Unidade Curricular, Representações Sociais no Contexto Colonial e Neocolonial, ministrada pela docente e investigadora Maria do Carmo Piçarra, num doutoramento em Media e Sociedade no Contexto dos países de Língua Portuguesa, na Universidade Autónoma de Lisboa;

o “estigma” de serem mulheres e negras. Paradoxalmente, enquanto Sara Baartman era obrigada a expor seu corpo nu ou seminua, Jojo Maronttinni, de forma espontânea, autêntica e livre, subverte os paradigmas de beleza do corpo e da raça, e de modo insurgente, apresenta-se seminua com um especial enfoque à zona glútea e às mamas, quer em redes sociais, quer em canais televisivos e, por esta razão, tem sido alvo de preconceito, mas também de aprovação, embora, de certa maneira, sirva de “espetáculo” para a audiência no espaço midiático.

Nosso objetivo, no âmbito do método bibliográfico, é, também, de certa maneira, entendermos essa ambivalência sobre o fenômeno Jojo Maronttinni que por um lado, revoluciona alguns padrões inerentes ao corpo feminino, negro e “exótico” e, por outro traduz, através de sua música, com a exibição do seu corpo seminua, uma consonância a relevantes marcas históricas escravagistas que, conforme afirma a investigadora portuguesa, Filipa Vicente, em seus trabalhos sobre fotografias, “os corpos das mulheres negras, seminuas ou nuas”, que povoavam a visualidade colonial é resultado do domínio patriarcal (2014, p. 22), e, de certa maneira, a forma como a mulher negra é, atualmente, representada no âmbito visual, poderá reiterar semelhantes inferências do passado.

Ainda que essas duas mulheres apresentadas neste trabalho estejam situadas em épocas tão distas e em circunstâncias substancialmente distintas, ambas trazem convergências conceituais precisamente relevantes para reavivarmos o senso de consciencialização coletiva sobre a representação da mulher negra no contexto social. Vale, aqui, evidenciarmos, à luz dos estudos sobre a *História da Sexualidade* de Michel Foucault, como as relações de poder do séc. XIX poderiam trazer problemas refletidos para o séc. XX e acrescentamos, também, para o séc. XXI. Se retomarmos o caso Baartman, do início do séc. XIX, “o sexo assumiu uma interface discursiva, filiando a vida do indivíduo à vida da espécie como todo” (Foucault, 1994 *cit in* Stoler, no prelo) e importa saber que as relações de poder entre colonizador e colonizado “implicou a colonização tanto de corpos como de mente” (Stoler, no prelo), onde à mulher negra cabe-lhe o estatuto de inferior ou de representação mental do que o sujeito branco não quer ser” (Kilomba, 2019, p. 36) ou, ainda, antagonicamente, do que “ele” gostaria de ter. Compete-nos, portanto, no viés dessa abordagem, compreendermos como a mulher negra está a ser representada¹², no Brasil, no séc. XXI.

Sobre o nosso modelo de representação, interessa, portanto, refletirmos como esse fenômeno tão atual e icônico poderá trazer um dado impacto, na vida de mulheres

¹² A representação da mulher negra brasileira tem sido evidenciada na literatura, nas teledramaturgias, minisséries, cinema, publicidades, na música, etc., mas para este estudo, levamos em consideração analítica o caso atual e polêmico da cantora de *funk* Jojo Maronttinni cuja justificação foi já designada;

anónimas, reiterando a depreciação da feminilidade negra. Neste estudo tentar-se-á medir a construção ideológica pelo discurso de uma de suas músicas, que, segundo evidencia a própria cantora, aborda a importância da autoaceitação do corpo. Traremos breves discussões sobre como a formação do discurso “materializado pela ideologia” (Orlandi, 2009) na música da artista, Jojo Maronttinni, poderá reafirmar ainda mais o preconceito racial e o problema da hipersexualização, temáticas que retomam as marcas de sexismo da era colonial. Porque ao que parece “o estatuto do negro é determinado por uma” lei universal, “de modo que não há nenhuma oportunidade real (...) de iniciativa (...) ou qualquer coisa melhor do que a pura escravidão” (Said, 2011, p. 175). Na verdade, a representação erotizada da mulher negra no espaço midiático é uma espécie de reconstrução histórica assente na herança cultural portuguesa, inextricavelmente, ligada à formação do povo brasileiro.

A fim de assegurar questões económicas, “emerge a atração e a obsessão do colonizador pelo outro, pela miscigenação e pelo prazer transgressor do sexo racial” (Young, 2005) e julgamos importante recordar, por exemplo, a violação da mulher negra fundamentada na objetificação que “não significava apenas «aniquilar propositadamente» a sua integridade sexual para fins económicos” mas conduzir “a uma desvalorização da feminilidade negra” que percorre a sua *psique* e modula o estatuto social de todas elas, condicionando-as a estereótipos de “sexualmente depravadas, imorais e libertinas” (hooks, 2018, p. 92), conceitos radicados no sistema escravagista.

Mas esses estereótipos cabem também às mulheres mestiças? Considerámos trazer para essa discussão o estatuto de ser preta/o ou ser parda/o, pois não tem sido muito discutido no meio académico, de modo que no país das desigualdades e formado por diferentes raças, tal como o Brasil, as relações sociais são, impreterivelmente, hierarquizadas, e outrossim há um estatuto diferenciado entre ser «preto» ou ser «pardo», porque “ser mulher mulata ou parda não é ser preta [...] o gerenciamento da graduação da cor morena – cor de jambo, morena, cabo-verde moreninha acarreta num *status* diferenciado em relação às mulheres de cor preta [...] o que se remete a traços grossos, a corpo cheio (Santos & Silva, 2013, p. 16), características peculiares do corpo de Jojo Maronttinni. Dito isso, a fim de nos debruçarmos em algumas questões sobre este fenómeno, será apresentada uma minibiografia da cantora, permeando alguns aspectos culturais e sociais para, a seguir, serem escrutinados alguns excertos da música em análise, apresentada no canal *Funk Hits* da plataforma do *Youtube*.

A cantora e, também, apresentadora brasileira, Jojo Maronttinni,¹³ nasceu em 1997, no subúrbio carioca com seu nome de batismo Jordana Gleise de Jesus Menezes.

¹³ Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jojo_Maronttinni;

Sendo oriunda de família humilde, na verdade, foi criada por sua avó paterna, Rita Maria e a dado momento, revelara em entrevistas que sua forte autoestima provém de sua criação bastante rígida, por meio da qual aprendeu a cultivar o amor próprio. Perdeu o pai, aos dez anos de idade, em um confronto civil, vítima de bala perdida e quando criança participava de coral da igreja, além de atuar em eventos de canto, também, na escola. Jordana Menezes, que também traz outro nome artístico: Jojo Todynho, começou a trabalhar, já na adolescência, para ajudar sua avó, mas aos 20 anos de idade, em 2018, ano profícuo para a cantora, ficou famosa com o *hit* “Que tiro foi esse?”. Inobstante, ganhou maior notoriedade, em 2020, quando foi vencedora de um prêmio milionário da 12ª temporada do *reality show*, *A Fazenda*, exibido na Rede Record de Televisão. Em janeiro de 2022, aos 24 anos, oficializou o casamento com o militar Lucas Souza de 21 anos e, atualmente, Jojo Maronttinni, contempla mais de vinte milhões de seguidores no *Instagram*, rede social onde a cantora se apresenta com maior frequência.

Neste ensaio será importante refletirmos sobre a construção do discurso de uma música, fundamentada no gênero musical *funk*¹⁴, que em estudos acadêmicos é tratado como um movimento musical e também social, pois engloba a “música, coreografia, modo de se vestir e de se posicionar socialmente” (Amorim, 209, p. 20) e, em geral, é constituído por letra de cunho sexual. No espectro desses elementos inerentes ao gênero musical *funk*, ainda há uma variante que suscita atenção: o léxico tem origem etimológica na palavra *iu-fuki* que, na língua *quicongo*, significa odor corporal, validando, assim, outro estereótipo atribuído à raça negra – a caatinga – ou como sublinha Frantz Fanon: “o cheiro *sui generis* do preto” (2017, p. 126). A partir daí vão se construindo outros discursos que traduzem todas as estereotípias possíveis, para avigorar os conceitos de inferiorização e desumanização das pessoas negras e para o nosso caso, das mulheres negras.

Portanto, a música em análise, neste ensaio, tem como título “Acordei Gostosa” e o objetivo é buscar entender como a linguagem expressa na música, assente em “conceitos, ideias e sentimentos” (Hall, 2016, p. 18), poderá manifestar a construção da identidade de todo um grupo focal que está a sofrer influência da artista. Segundo Stuart Hall, a identidade do sujeito na pós-modernidade não é fixa, pois “assume identidades diferentes, em diferentes momentos”, de modo que os “fenômenos culturais” podem moldar o indivíduo (2014, p. 213), assim cada sujeito adapta-se a outras identidades com as quais terá maior afinidade. Logo, o ponto nevrálgico para o entendimento da música está assente numa importante reflexão sobre o discurso que permeia, ideologicamente,

¹⁴ Não é nosso objetivo perscrutar os elementos socioculturais do gênero musical em profundidade, todavia para essa compreensão, poder-se-á pesquisar uma tese de doutoramento desenvolvida por Flávia da Conceição da Rocha Siqueira cujos detalhes da citação estarão designados no espectro das Bibliografias deste ensaio;

a mensagem de Jojo Maronttinni como forte influência para outras mulheres negras, uma vez ter milhões de seguidoras em suas redes sociais¹⁵.

Entendamos, por conseguinte, alguns excertos da música em questão, com um olhar também ao videoclip¹⁶, através do qual teremos uma percepção sobre as imagens lá apresentadas em consonância à letra da música que começa assim: *E aí? Gostosa pra caralho! [...] Quando eu olho no espelho/Não existe corpo melhor do que o meu/ Ai/ Acordei gostosa, acordei gostosa/Acordei me amando, olhando no espelho/E logo percebo, eu sou poderosa [...] Tem que se amar em primeiro lugar/O look tá pronto, é só se jogar*. A princípio, a cantora apresenta um discurso estabelecido como uma espécie de ode a autoaceitação e valorização do próprio corpo “exótico”, uma contrafação ao “auto-ódio dos negros”, por força da “obsessão negra com a branquitude” (hooks, 2019, p. 48).

Antagonicamente, Jojo Maronttinni, em muitas ocasiões, na mídia, apresenta-se, por exemplo, com um cabelo não original, postiço e liso, similar ao de mulheres brancas. Percebe-se que, de certa forma, a artista, que vem sofrendo hostilidade sobre o seu corpo, tão diferente dos padrões de beleza feminina, apresenta um discurso traduzido por uma descolonização de sua mente a romper “com o tipo de pensamento supremacista” de pessoas brancas que fazem menção à inferioridade e inadequação das pessoas negras (hooks, 2019, p. 58). Todavia o discurso ideológico: *sou poderosa* com a exibição do corpo semi-nu (*o look tá pronto é só se jogar*) será a melhor forma de autoaceitação ou valorização da feminilidade negra? Justamente porque as marcas de inferiorização, mormente históricas, ainda estão presentes na vida de muitas mulheres, condicionadas por uma realidade bem diferente a da cantora Jojo Maronttinni que, atualmente, é uma empresária de sucesso, famosa e rica, protegida pelo poder capitalista.

Entendamos que as marcas supramencionadas continuam presentes «ainda nos dias de hoje, na nossa arquitetura (nos minúsculos “quartos de empregada” ou nos elevadores de serviço – na verdade para serviços), no nosso vocabulário» (Schwarcz & Starling, 2015, p. 508) e, por conseguinte, no discurso que produzimos através da cultura.

Num outro excerto da música, a cantora faz menção à figura masculina num discurso que evolui da “aceitação” de si à “recepção” do outro e, por este motivo, estará “pronta” para se entregar: *Vem contatinho*¹⁷, *que a noite promete/ Vem com a Jojo, sua*

¹⁵ Não será nosso objetivo explorar o nicho das redes sociais da artista, por uma questão de espaço, pelo que a referência tem importância para a percepção da eminente influência da artista, no espaço midiático. Em outro momento, numa pesquisa mais alargada, talvez tenhamos de o fazer;

¹⁶ Este vídeo alcançou, atualmente, mais de 50 milhões de visualizações e encontra-se disponível no canal *Funk Hits* em <https://www.youtube.com/watch?v=-WEFjwLsRWM>;

¹⁷ Contatinho significa contato em que existe interesse amoroso ou sexual. Disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/contatinho/>. Portanto, tornou-se uma gíria que poderá ser um/uma paquera ou um contato que inspira interesse amoroso;

*panicat*¹⁸. Ela ainda justifica essa relação de poder, num viés do domínio feminino, quando diz: *Mulher, quando tá pronta, não quer guerra com ninguém, hein? [...] / Respeita a nossa história / Mulheres levantam mulheres / Somos donas da porra toda / Bota aquele biquinho P, taca o rabetão pra cima / Acordei gostosa, acordei gostosa.*

A linguagem usada pela cantora tem como objetivo a autoaceitação do seu corpo “exótico”, e invoca todas as mulheres a também aceitarem e assumirem um “poder” perante o sexo oposto. Não obstante, refletimos sobre o fato de haver uma mensagem subliminar pela qual o discurso se centra no corpo e parece ser uma “representação” ou um “sinal deslocado de uma nostalgia de um passado racista em que os corpos das mulheres negras eram mercadorias disponíveis” vendáveis às pessoas brancas (hooks, 2019, p. 130). Quando diz: *Vem contatinho, que a noite promete*, suscita o poder para si, mas que, sobremaneira, está traçado por um discurso, que retoma o sexismo, através do qual a mulher é marcada pela objetificação. Chimamanda Adichie, na obra *Todos devemos ser feministas*, dirá que, na Nigéria, por exemplo, as mulheres usam a sexualidade como uma ação de poder para “conseguir o que quer do homem”, mas na realidade isso “não é poder”, pois a sexualidade da mulher, no âmbito dessa exposição do seu corpo, “tem apenas uma boa ferramenta para explorar o poder de outra pessoa”, diz. (2015, p. 45). Por conseguinte, não estaria a artista a validar o machismo (*donas da porra*¹⁹ *toda*), invocando o *phallus* e, assim, legitimando o consumo do seu próprio corpo? Em detrimento disso não deveria haver uma reprimenda necessária?

Como mulher negra, pública e importante influenciadora de massa, não poderia promover uma sororidade feminina, através da qual, uma voz seria erguida para erradicar o fenómeno do racismo e sexismo, na vida de muitas mulheres negras brasileiras? Na década de 1960, a escritora brasileira, Carolina Maria de Jesus, de origem da favela, trouxe à estampa o seu livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* que exprime, através de suas memórias de mulher negra, a importância da escrita como forma de sair da invisibilidade social. Talvez urja “a necessidade” de contarmos a nossa história (...) pela qual sejamos reconhecidas, porque “no caso das nações modernas, as comunidades não se definem” somente “para si próprias”, mas, também, “para o mundo” (Piçarra, 2015, p. 50) e, assim, introspectivamente, refletimos se a promoção intelectual da leitura ou da escrita, por exemplo, não seria um importante caminho para o reconhecimento da mulher negra brasileira, no mundo.

Diferentemente do caso da jovem sul-africana Sara Baartman, que, no séc. XIX, vivia sob o jugo do discurso colonialista, Jojo Maronttinni parece evocar um discurso

¹⁸ As *Panicats* foram as assistentes de palco de programas humorísticos e eram representadas por mulheres brancas e de corpo escultural;

¹⁹ *Porra /ô/ s.f. (1209) 1 ant. clava com ponta redonda e reforço de ferro 2 pedaço de pau; porrete, cacete 3 tab. o pénis 4 tab. m.q. ESPERMA; 5 infrm. Algo muito ruim; porcaria, merda (cf. Houaiss, 2011).*

colonialista, por meio do qual a mulher negra era e continua a ser inferiorizada, logo, entendemos que “aos corpos racializados não é reconhecida a mesma dignidade humana atribuída aos que os dominam” – as pessoas brancas –, e o que poderemos estar a viver é um “colonialismo insidioso” cuja armadilha é dar impressão de um regresso, “quando o que regressa nunca deixou de estar” (Santos, 2018).

Recorrendo à questão do discurso, este é, por sua vez, atravessado por outros, revestido por uma ideologia, evidenciada pela postura do indivíduo (Orlandi, 2009) o que designa, portanto, toda uma construção ideológica da cantora representada em sua (as) música (as), permeando a sua vivência e sua condição psicossocial ou, ainda, construções subjetivas que estão imbricadas à sua memória autobiográfica (Van Dijk, 2012, p. 349). Importa, neste viés de abordagem, compreendermos que a hipersexualização, bem como a objetificação do corpo da mulher negra estão, inextricavelmente, ligados a concepções racistas e machistas e agora, ao trazer à estampa, a letra dessa música da cantora, faz-nos discutir alguns atos de violência, por meio de discursos que permeiam a sociedade brasileira, amiúde, colmatados por um jogo de poder de dominação da elite branca.

A autora Djamilia Ribeiro escreveu em 2016 um artigo, postado no *site* Carta Capital onde traz para reflexão a autoridade do homem branco em aviltar uma mulher negra. Refere-se a autora ao caso envolvendo o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, que ao entregar uma casa a uma mulher negra chamada Rita, em 2015, faz piadas de cunho sexual o que a deixou bastante desconfortável. A autora descreveu em seu artigo as seguintes palavras:

“Vai trepar muito aqui nesse quartinho”. Não satisfeito, pergunta se a moça é casada e emenda: “Vai trazer muito namorado pra cá. Rita faz muito sexo aqui”. Como se a humilhação não fosse suficiente, Paes, do lado de fora, grita para os vizinhos da moça que acompanhavam a entrega. “Ela disse que vai fazer muito canguru perneta²⁰ aqui. Tá liberado, hein. A senha primeiro”. Visivelmente envergonhada, a moça se afasta e diz que vai trancar a porta de casa. (Ribeiro, 2016)

O discurso do prefeito Eduardo Paes corrobora um fenómeno quotidiano que, persistentemente, percorre a vida da mulher negra, no Brasil – o racismo –, por sua vez, atrelado ao “poder histórico, social e económico” (Kilomba, 2019, p.78).

Por conseguinte, importa para a nossa abordagem entendermos que esse discurso de cunho sexual, que permeia o sentido de sexualidade, representa “um resultado e um instrumento do desígnio do poder” tal como um “dispositivo de sexualidade a partir das técnicas de poder” (Foucault, 1994, p.152), aquele soberano ao qual lhe cabe o direito e vontade de dominar ou reprimir. Porque a busca pelos “desejos e fantasias” que eram uma

²⁰ Essa expressão é extraída da fala de um personagem humorístico representado pelo ator brasileiro Miguel Falabella do programa *Sai de Baixo*, exibido na Rede Globo de Televisão, uma vez por semana, em horário nobre;

obsessão fascinante do séc. XIX, também persiste “nos dias de hoje” (Stoler, no prelo) e assim entendemos que a abordagem com o discurso de cunho sexual do prefeito do Rio de Janeiro à mulher Rita é uma tradução de um passado que reflete no presente.

Quase no final da música, a cantora faz um apelo e convida outras mulheres a legitimarem a autoestima, ao dizer: *Respeita a nossa história /Mulheres, levantam mulheres*. Na realidade, a *história* através da qual é invocado o respeito poderá ser interpretada como a “ferida do passado” manifestada pela “ferida do presente” (Kilomba, 2019, p. 174), porque como vimos o caso da jovem Sara Baartman, do séc. XIX, sob o jugo escravocrata do seu corpo e mente, entendemos que a Jojo Maronttinni, em nosso século, é um contraponto, pelo caráter de sua autoestima e aceitação do seu corpo negro e “exótico”. Todavia, refletimos se essa forma de representação para muitas mulheres negras (muitas Ritas), no Brasil, não estará em consonância a importantes marcas de violência, invariavelmente, outorgadas por ações ou discursos que, enraizados pela “experiência social da escravidão (Schwarcz & Starling, 2015, p. 508), produzem nódoas psíquicas que parecem impossíveis de serem retiradas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito deste estudo, foram abordadas consideráveis discussões/reflexões sobre o corpo de duas mulheres negras que, embora assentes em épocas distas, convergem em semelhanças, bem como em evidências de importantes marcadores históricos socialmente constituídos. No âmbito de uma análise qualitativa com um método bibliográfico e exploratório, assumimos para este ensaio o objetivo de aferir, através do caso Sara Baartman (séc. XIX) e da cantora de *funk* brasileira, Jojo Maronttinni (séc. XXI), algumas marcas inerentes ao corpo da mulher negra, sobretudo aquelas que as definem como mercadorias para o consumo: a hipersexualização e a objetificação (hooks, 2019; Kilomba, 2019).

Verificou-se a importância de trazer o caso da Vênus Hotentote para evidenciarmos o racismo científico, no viés maniqueísta de uma pseudociência, que inaugurou “a noção de raça” (Schwarcz, 2005) trazida pelo médico Georges Cuvier e a partir desta abordagem conciliamos à teoria foucaultiana que está direcionada à mecânica de poder, através da qual o corpo é dominado, subjugado, traduzindo as relações de poder implicadas na manipulação de corpos e mentes (Stoler, no prelo). Num contraponto, analisamos o caso Jojo Maronttinni, por sua vez sujeita a um preconceito não somente pelo seu corpo «exótico», mas também porque carrega um estatuto de ser «preta» “que remete a traços grossos e a corpo cheio” (Santos & Silva, 2013), de

maneira que no Brasil há um complexo de hierarquização de raça como foi referido. Dito isto, julgou-se relevante, num viés da interpretação do discurso (Orlandi, 2009), a análise de uma música, através da qual puderam ser atestadas mensagens de apelo à autoaceitação do corpo, mas, paradoxalmente, semantizam mensagens subliminares traduzidas, por sua vez, como importantes marcadores coloniais direcionados à desvalorização do corpo da mulher negra. Outrossim, refletimos sobre a importância de a mulher negra ser reconhecida, num parâmetro intelectual, e no escopo dessa abordagem recorreremos à memória sobre uma das primeiras escritoras negras do Brasil, Carolina Maria de Jesus, que, embora semianalfabeta, pobre e “favelada”, viu na escrita uma forma de sair da invisibilidade social.

Portanto, entendemos que a música trazida para este estudo, percorre uma importante ambivalência de percepção: por um lado, temos a Jojo Maronttini revolucionária, insurgente que promove a subversão de valores hegemônicos sobre o corpo da mulher, sobretudo negra, e por outro verificamos um discurso, por meio do qual temos uma representação reiterada por uma espécie de “nostalgia de um passado racista em que os corpos das mulheres negras” (hooks, 2019) eram mercadorias prontas a serem consumidas. Deste modo, respondemos à pergunta levantada no início do trabalho com uma reflexão coletiva de consciencialização sobre uma assertiva da própria música que suscita profunda análise: *respeita a nossa história*. Sobre o corpo da mulher negra, outrora subjugado e desumanizado pelo poder escravocrata que forjava e ainda forja um não reconhecimento digno da pessoa historicamente constituída, em nosso século, parecemos viver, como reitera Boaventura de Sousa Santos, um “colonialismo insidioso”. Deste modo, reverberamos que as marcas do passado refletem as marcas do presente, não somente pelo caso da «Rita» mencionada neste trabalho, mas pelo caso de incontáveis «Ritas» que, *a posteriori*, num outro estudo, possamos trazer para o escopo de uma abordagem mais profunda cuja investigação poderá ter fundamento numa pesquisa mais alargada, a fim de nos debruçarmos nesses fenómenos quotidianos que ainda persistem na vida da mulher negra brasileira: as marcas da hipersexualização e da objetificação.

BIBLIOGRAFIA

Amorim, Marcia Fonseca de (2009). *O discurso da e sobre a mulher no funk brasileiro de cunho erótico: uma proposta de análise no universo sexual feminino*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269098>>.

Cabecinhas, M. R. (2018). *Memórias (des)alinhadas. Representações sociais da história e comunicação intercultural, Sumário da Lição* apresentado como requisito para Provas de Agregação no Ramo de Ciências da Comunicação, Braga.

- Carolina Maria de Jesus é referência para quem contesta o poder (2021). Disponível em <https://jornal.usp.br/cultura/carolina-maria-de-jesus-e-referencia-para-quem-contesta-o-poder/>.
- Césaire, A. (1978). *Discurso sobre o colonialismo*, trad. Noémia de Sousa, Lisboa: Sá da Costa.
- Chase-Riboud, Bárbara (2005). *Vênus Negra*, trad. Lídia Geer, Lisboa: Círculo de Leitores.
- Chimamanda, Adichie (2015). *Todos Devemos Ser Feministas*. trad. Simão Sampaio, Lisboa: Dom Quixote.
- Colonialismo Insidioso* (2018). Disponível em <https://www.cee.fiocruz.br/?q=boaventura-ocolonialismo-e-o-seculo-xxi>.
- Damasceno, J. (2008). *O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: O caso da Vênus Hotentote*. Disponível em https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/o-corpo-do-outro-construc3a7c3b5es-raciais-e-imagens-de-controle-do-corpo-feminino-negro-o-caso-da-venus-hotentote-janaina_damasceno.pdf.
- Dijk, Van (2012). *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*, trad. Rodolfo Ilari, São Paulo: Contexto, Disponível em https://dialogo.fflch.usp.br/sites/dialogo.fflch.usp.br/files/upload/paginas/DIJK%2C%20TEUN%20A.%20Van.%20DISCURSO%20E%20CONTEXTO_P.87-158%202.pdf.
- Fanon, Frantz (2015). *Os Condenados da Terra*, trad. António Massano, Lisboa: Letra Livre.
- Fanon, Frantz (2017). *Pele Negra, Máscaras Brancas*, trad. Alexandre Pomar, Lisboa: Letra Livre.
- Ferreira, J. & Hamlin, C. (2010). *Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre corpos não civilizados*, Revista Estudos Feministas. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/pNrK63zWDDbTCVtrrg5TryH/?format=pdf&lang=pt>.
- Foucault, M. (1994). *A História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, trad. Pedro Tamen, Lisboa: Relógio D'Água.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, trad. Raquel Ramalhete, Petrópolis: Vozes, Disponível em https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf.
- Hall, Stuart (2014). *A identidade cultural na pós-modernidade*, trad., Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro, Rio de Janeiro: Lamparina.
- Hall, Stuart (2016). *Cultura e representação*, trad. Daniel Miranda e William Oliveira, Rio de Janeiro, PUC-Rio: Apicuri.
- Hjemslev, Louis (1975). *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, trad. J. Teixeira Coelho Netto, São Paulo: Perspectiva, Disponível em <https://pt.scribd.com/document/470085661/Hjemslev-Prolegomenos-a-uma-teoria-da-linguagem-pdf>.
- hooks, bell (2018). *Não Serei Eu Mulher? As Mulheres Negras e o Feminismo*, trad. Nuno Quintas, Lisboa: Orfeu Negro.
- hooks, bell (2019). *Olhares negros: raça e representação*, trad. Rosane Borges, São Paulo: Elefante.
- Houaiss, Antônio (2011). *Dicionário do Português Atual*, Lisboa: Círculo de Leitores.

- Kilomba, Grada (2019). *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Quotidiano*, trad. Nuno Quintas, Lisboa: Orfeu Negro.
- Le Goff, J. & Troung, N. (2006) *Uma história do corpo na Idade Média*, trad. Marcos Flaminio Peres, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Orlandi, Eni Puncinelli (2009). *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*, Campinas: Pontes.
- Piçarra, M. C. (2015). *Azuis Ultramarinos. Propaganda Colonial e Censura no Cinema do Estado Novo*, Lisboa: Edições 70.
- Ribeiro, Djamilá (2016). *Vai trepar muito no quartinho: Paes e a desumanização da mulher negra*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/201cvai-trepar-muito-nesse-quartinho201d-paes-e-a-desumanizacao-da-mulher-negra/>.
- Said, Edward (2011). *Cultura e Imperialismo*, trad. Denise Bottmann, São Paulo: Companhia das Letras.
- Santos, Boaventura de Sousa (2018). *O Colonialismo Insidioso*, Jornal público Disponível em <https://www.cee.ficrus.br/?q=boaventura-o-colonialismo-eo-seculo-xxi>.
- Santos, Carla B. & Silva, Eliane Leite da (2020). *A influência do funk na formação identitária de adolescentes*. Comunicação apresentada ao VII Congresso Nacional de Educação: Maceió, Disponível em https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA8_ID5778_01092020115555.pdf.
- Sartre, J. P. (2021) *O Ser o Nada. Ensaio de ontologia fenomenológica*. trad. Victor Gonçalves, Lisboa: Edições 70.
- Swarcz, L. (2005) *O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930*, São Paulo: Companhia das Letras.
- Swarcz, L. & Starling, H. (2015). *Brasil: uma biografia*, Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores.
- Siqueira, Flávia Conceição da Rocha (2015). *A Representação Social de uma Cultura Funk e das Favelas*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo.
- Stoler, Ann Laura (no prelo). *Estudos Coloniais e a História da Sexualidade*. In *Cadernos de Gêneros e Diversidade*, trad. Suzana Maia e Irma Viana.
- Vicente, Filipa (2014). *O Império da Visão: Fotografia no Contexto Colonial Português (1860-1960)* (orgs), Lisboa: Edições 70.
- William Heath*. Disponível em https://www.google.pt/search?q=William+Heath&si=ANhW_Nq9CULCgfbkOw6kvWfPvXut0BPdGHmZQn22eGERa4k2kspTgQz6oWCV2ylfPwYDpXDlbV.

Caricatura de Sara Baartman por William Heath (1810).



Música

Acordei gostosa

*E aí? Gostosa pra caralho
Ai, que é isso, amor?
Quando eu olho no espelho
Não existe corpo melhor do que o meu
Ai!*

*Acordei gostosa, acordei gostosa
Acordei me amando, olhando no espelho
E logo percebo, eu sou poderosa
Acordei gostosa, acordei gostosa
Tem que se amar em primeiro lugar
O look tá pronto, é só se jogar*

*Acordei gostosa, acordei gostosa
Vem, contatinho, que a noite promete
Vem com a Jojo, sua panicat
Acordei gostosa, acordei gostosa*

*Mulher, quando 'tá pronta', não quer guerra com ninguém, hein?
E se o biquíni não for P, eu nem quero
Respeita a nossa história
Mulheres, levantam mulheres, somos donas da porra toda
Bota aquele biquininho P, taca o rabetão pra cima*

*Acordei gostosa (eita), acordei gostosa (ai)
Acordei me amando, olhando no espelho
E logo percebo, eu sou poderosa
Acordei gostosa, acordei gostosa
Tem que se amar em primeiro lugar
O look 'tá pronto', é só se jogar*

*Acordei gostosa, acordei gostosa
Vem, contatinho, que a noite promete
Vem com a Jojo, sua panicat
Acordei gostosa, acordei gostosa*

*Gostasas (gostosa pra caralho)
Donas da porra toda (ai)
Vai com tudo, pode tudo
E quando a mulher diz que não, é não*

Fonte: [LyricFind](#)

Compositores: Fabio Dos Santos Francisco (DJ Batata) e Jojo Maronttinni

Letras de Acordei Gostosa © Universal Music Publishing Group

Pop Funk

SOBRE OS ORGANIZADORES

Jorge José Martins Rodrigues é Economista. Licenciado, mestre e doutor em Gestão (ISCTE-IUL). Mestre e pós doutorado em Sociologia – ramo sociologia económica das organizações (FCSH NOVA). Professor coordenador no ISCAL – *Lisbon Accounting and Business School* / Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal. Exerceu funções de direção em gestão (planeamento, marketing, comercial, finanças) no setor privado, público e cooperativo. É investigador integrado no Instituto Jurídico Portucalense. Ensina e publica nas áreas de empresa familiar e família empresária, estratégia e finanças empresariais, gestão global, governabilidade organizacional, marketing, planeamento e controlo de gestão, responsabilidade social e ética das organizações.

Maria Amélia Marques, Doutora em Sociologia Económica das Organizações (ISEG/ULisboa), Mestre em Sistemas sócio-organizacionais da atividade económica - Sociologia da Empresa (ISEG/ULisboa), Licenciada (FPCE/UCoimbra), Professora Coordenadora no Departamento de Comportamento Organizacional e Gestão de Recursos Humanos (DCOGRH) da Escola Superior de Ciências Empresariais, do Instituto Politécnico de Setúbal (ESCE/IPS), Portugal. Membro efetivo do CICE/IPS – Centro Interdisciplinar em Ciências Empresariais da ESCE/IPS. Membro e Chairman (desde 2019 da ISO-TC260 HRM Portugal. Tem várias publicações sobre a problemática da gestão de recursos humanos, a conciliação da vida pessoal, familiar e profissional, os novos modelos de organização do trabalho, as motivações e expectativas dos estudantes Erasmus e a configuração e dinâmica das empresas familiares. Pertence a vários grupos de trabalho nas suas áreas de interesses.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acompanhamento Arqueológico 228, 229, 230, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 244, 247
Administração 20, 23, 25, 33, 61, 62, 63, 66, 69, 71, 72, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 157, 232, 235
Afetos 133, 149, 151, 244
American Depositary Receipts (ADRs) 1, 3
Apropiación Social 97, 186
Área Rural 184, 185, 186, 193, 199
Artigos 35, 43, 50, 61, 62, 68, 76, 78, 232
Autocracia 133, 139, 142

B

Bem-estar social 153
Biblioteca digital 35, 36, 39, 40, 42, 44
Bibliotecas do ensino superior 36
Biocompost 185, 186, 187, 188
B-on 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46

C

Call Center Optimization 202
Coeficiente de resposta al resultado (CRR) 1, 3
Colonialismo 113, 165, 166, 168, 177, 179, 180, 181
Comandante das Operações de Socorro 19
Consejo de Seguridad Vial de Costa Rica - Cosevi 215
Contador Público 81, 82, 83, 84, 87, 90, 91
Contrologia 161, 162, 163, 164
Convergence of optimization algorithms 202, 212
Coreografias Didáticas 48, 49, 50, 52, 54, 57, 58, 59
Corpo da mulher negra 165, 166, 171, 177, 178, 179

D

Day 61, 62, 64, 66, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 110
Decenios de Acción 215
Docencia 92, 93, 94, 98, 105, 106

E

Economia 7, 38, 67, 69, 88, 103, 107, 126, 138, 147, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 187, 194

Educação Aberta 48, 49, 50, 51, 52, 59

Enquadramento Legal 228, 229, 234, 238

Equilíbrio corpo e mente 161

Estudo de utilizador 36

Ethos 110, 111, 112, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 136

Ética Profissional 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91

Extensión 18, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 103, 105, 108, 186, 188, 201, 216

G

Generación Milenio 125

Geração 68 133, 134, 137, 139, 144, 145, 146

H

Hipersexualização e objetificação 165, 166, 167

História do Pensamento Econômico 153

História econômica 153

I

Índice de mortalidad 215

Innovación 46, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 127, 132, 185, 187, 192

Integer Nonlinear Optimization 202, 203

Intervenções Estruturais 19, 21, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 32, 33

Investigación 3, 4, 5, 8, 16, 81, 82, 86, 87, 89, 90, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 126, 185, 196, 200, 212, 224, 225

J

Junta de normas de contabilidad financiera en EE. UU. (FASB) 1

L

Liberdade de imprensa 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 120

M

Memória 25, 133, 135, 148, 149, 150, 151, 168, 177, 179, 229

Método 10, 54, 63, 79, 92, 94, 98, 110, 112, 117, 120, 155, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 170, 172, 178, 228, 244, 246

N

Non-linear optimization 202, 212

Normas de contabilidade em EE. UU. (U.S. GAAP) 1

Normas Internacionais de Informação Financeira (NIIF) 1, 2

O

Organização 83, 84, 88, 95, 105, 125, 128, 129, 216, 227

P

Pilates 161, 162, 163, 164, 165

Portugal 19, 20, 33, 35, 45, 46, 48, 50, 51, 60, 228, 229, 230, 231, 241, 245

Profissão Contable 81, 82, 83, 87, 88, 90

Pymes 125, 129

R

Rede Académica Internacional WEIWER® 48, 49, 50, 59

Relações de poder e autoritarismo 110

Resíduos de cultivos 186

Retórica 61, 62, 63, 64, 66, 68, 72, 78, 79, 80, 116, 121

S

Segurança Contra Incêndio em Edifícios 19, 20, 33

Seguridad Vial 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 225, 226, 227

Sostenibilidad 82, 92, 98, 105, 186

T

Tecnologias Educacionais em Rede 48, 49, 59

Tomada de Decisão 19, 22, 24, 26, 28, 29, 30, 32, 34, 159

Transformación 7, 94, 96, 102, 103, 105, 125, 131, 132, 190, 196, 198

U

Universidad 35, 46, 81, 82, 86, 90, 92, 93, 96, 97, 98, 100, 104, 106, 107, 125, 202

V

Valor de pertinencia 1, 3, 5, 6, 7, 8, 15, 16

W

Wikipédia 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 90, 173